

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ DEPARTAMENTO
ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

LUIZA PASQUINI

**O *FANDOM* E A LEITURA NA CIBERCULTURA:
NOVAS PRÁTICAS E SENTIDOS**

CURITIBA - PR

2018

LUIZA PASQUINI

**O *FANDOM* E A LEITURA NA CIBERCULTURA:
NOVAS PRÁTICAS E SENTIDOS**

Monografia apresentada ao curso de
Especialização em Língua Portuguesa e Literatura
Departamento Acadêmico de Linguagem e
Comunicação da Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Rossi
Remenche.

CURITIBA - PR

2018

LUIZA PASQUINI

O *FANDOM* E A LEITURA NA CIBERCULTURA:
NOVAS PRÁTICAS E SENTIDOS

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista, do curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Curitiba, 11 de outubro de 2018.

Profa. Dra. Maria de Lourdes Rossi Remenche – UTFPR – Orientadora

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima - UTFPR – Avaliador

Profa. Dra. Mauruni de Souza – UTFPR – Avaliadora

A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois sem ele nada seria possível e pela sua força que me concede nos momentos difíceis. A minha mãe que sempre primou pela minha formação, dando seu máximo para me proporcionar uma boa educação.

Aos amigos e familiares que compreenderam minha ausência corriqueira para essa conquista que é de extrema importância, em especial a minha amiga Rebeca Sanches, que me deu incentivo e apoio às correções do trabalho.

A todos os professores da especialização, sem dúvida foram importantes para minha chegada até aqui, com sua dedicação e empenho me ensinaram muito sobre a docência, são professores que guardarei no coração com muito carinho. Agradeço em especial a professora Maria de Lourdes Rossi Remenche, que teve papel importantíssimo para eu não desistir da pós, foi minha incentivadora e tornou-se uma grande referência para mim.

É preciso erguer o povo à altura da cultura e não rebaixar a cultura ao nível do povo.

Simone de Beauvoir

RESUMO

PASQUINI, Luiza. *O fandom e a leitura na cibercultura: novas práticas e sentidos*. 33 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

O presente artigo tem por objetivo analisar a construção de sentido e as variadas formas de linguagem existentes na era digital, pretende analisar como os leitores e produtores de textos se constituem nos processos de leituras através do *fandom* e *fanfics*, irá expor, como a cultura digital atua no modo de ler e escrever, através das mudanças que ocorrem devido à influência do letramento literário. As diferentes semioses que são produzidas pelas leituras interativas que se modificam do papel à tela, ganhou novos contornos e mobilizam a produção de sentido. Busca analisar como o leitor se posiciona frente a essas mudanças e como a cibercultura vem ganhando e transformando novos leitores, onde o público jovem ganha espaço para fazer suas criações de textos, construindo suas produções através desses veículos. Neste sentido, este trabalho tem por objetivo analisar como se dá as novas práticas de leitura e escrita, no universo digital de comunicação que acolhe diferentes gêneros textuais, e desenvolve um leitor construtor de seu caminho literário e protagonista de suas produções, tornando o letramento literário acessível a variados públicos, onde todos participam e produzem novos sentidos através de suas criações.

Palavras-chave: Letramento Literário. Cibercultura. *Fandom*. *Fanfics*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2.1 OS LETRAMENTOS NA CONTEMPORANEIDADE: DO PAPEL À TELA ..	9
2.2 O LETRAMENTO LITERÁRIO NA CIBERCULTURA.....	18
3.1 OS LEITORES LITERÁRIOS DO CIBERESPAÇO NA MODALIDADE <i>FANDOM</i>	23
3.2 <i>FANFICS</i> : UMA BREVE ANÁLISE.....	27
4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo analisar as práticas de letramento que ocorrem na cibercultura. Para tanto, será feita algumas reflexões sobre práticas de leitura e produção.

Kleiman (2008), enfatiza que o letramento está inteiramente ligado ao social, se constitui no dia a dia de cada um, com isso a leitura na tela, envolve diversas formas de letramentos, pois, aciona variados comandos e novos sentidos, a leitura multimodal envolve, imagens, sons, figuras simbolizando seu estado emocional, tudo isso vem de encontro com a leitura no campo digital, e os novos leitores que se formam através dessa prática que é considerada uma forma de letramento, sendo possível produzir sentido através da leitura na tela.

Esse estudo busca compreender como o leitor se posiciona frente às mudanças que ocorrem na leitura através da tecnologia. Mais especificamente, buscamos entender como se dá o letramento literário na cibercultura, a leitura na tela e os mecanismos que o leitor precisa acionar para a produção de sentido.

Para desenvolver essas ideias, será fundamentado nossa reflexão em Cosson (2006) que aponta o quão transformador pode ser o universo do letramento literário, onde o leitor amplia seu conhecimento de mundo através das vivências experienciadas em cada leitura, apropria-se do conhecimento adquirido, e modifica ao seu redor através da leitura, em que a escrita pode ser transformadora. Sendo possível se aprofundar em diversos níveis e tipos de letramentos.

Para isso, a partir de uma pesquisa bibliográfica, será analisado o *fandom*, um ambiente virtual, em que fãs fazem suas releituras sobre variadas modalidades, podendo ser eles, vídeos, filmes, séries, livros, etc. Para aprofundar a análise, selecionamos a modalidade *fanfics*, em que os membros fazem a reescrita de obras literárias existentes seja do cânone ou não. Esse ambiente possibilita aos participantes, ler, opinar, e até reescrever textos de um autor de sua preferência, ou seja, os membros, participam de forma efetiva nas construções de textos, de uma forma dinâmica e descontraída. Que possibilita ao participante ser protagonista da sua história, e apontar sua perspectiva em relação a ela, proporcionando ao leitor ler uma obra sobre outro aspecto.

Nesse sentido, esta monografia foi organizada em 4 capítulos. No primeiro, será feita uma análise sobre as mudanças da linguagem na perspectiva da era digital, as influências da cibercultura na leitura, e suas mudanças. O segundo, será tratado sobre o letramento literário na cibercultura, abordará o ato de ler e escrever, que vai muito além de uma leitura ficcional, através dessa prática, o leitor pode se aprofundar em variados níveis e tipos de letramentos. No terceiro capítulo, será tratado sobre o *fandom*, uma prática de releitura feita por fãs. O quarto parágrafo, será aprofundado a análise com a modalidade *fanfics*, em que a releitura é feita através de obras literárias onde a leitura e escrita ganham espaço no meio digital de forma envolvente.

2.1 OS LETRAMENTOS NA CONTEMPORANEIDADE: DO PAPEL À TELA

As práticas de leitura, ao longo do tempo, passaram por processos de mudança e, envolveram, cada vez mais, diferentes aspectos e semioses. Nesse sentido, Ribeiro (2013) nos lembra que, na contemporaneidade, um texto é planejado com toda a sua estrutura de palavra, imagem e diagramação, ou seja, há uma junção de detalhes que o faz ser atraente para o leitor, pois, “Um texto é o resultado de seleções, decisões e edições não apenas de conteúdos, mas de formas de dizer.” (RIBEIRO, 2013, p.1).

Isso ocorre porque a estrutura dos textos na era digital percorre um caminho mais amplo de modo a proporcionar aos leitores uma leitura dinâmica e rápida, podendo acessar inúmeras informações em um só clique. Junto com a tecnologia surge os letramentos digitais que são novos formatos de ler e escrever, possibilitando ao leitor ter acesso a textos multimodais, onde a linguagem se altera e produz variados sentidos de modo a alterar a dinâmica da leitura que antes era somente no papel, limitando o leitor a estrutura do texto. Na cibercultura, a produção de sentido se altera a cada momento, pois, a era digital trouxe um novo olhar para a linguagem, formas de expressão e comunicação. Com a cultura digital, formam-se novos autores e leitores das mais variadas composições, trazendo uma nova estrutura de linguagem e leitor na cibercultura.

Para ampliarmos essa discussão, retomamos Oliveira e Szundy (2014) que, partindo do princípio da sociolinguística, entendem que a linguagem se

molda de acordo com os falantes, e a escrita se adapta de acordo com a fala. Com as mudanças trazidas pelas tecnologias digitais, isso acontece de forma mais acelerada com o uso de diferentes semioses como, por exemplo, as abreviações de palavras, as imagens que expressam sensações, sons, movimentos que representam os sentimentos, através de textos não verbais, mesclados à escrita comum transformando assim os textos em multimodais.

Mudanças na forma composicional da língua, a partir da influência das inovações tecnológicas, vêm também apresentando desafios para a noção de língua no sentido canônico. O modo de funcionamento em rede da sociedade seria um dos elementos responsáveis por alterar a forma na qual as pessoas vivem e agem, relacionando-se com pares virtuais em múltiplas comunidades “online”, provocando transformações e fazendo emergir novas formas de materialização da comunicação humana. (OLIVEIRA; SZUNDY, 2014, p. 8)

De acordo com essas ideias, as relações de linguagem vêm tomando formas diferentes, transformando as interações, os modos da vida social, do cotidiano, de trabalho e até mesmo de lazer. Essas práticas estão ligadas aos diferentes letramentos presentes no dia a dia das pessoas.

Nesse sentido, as autoras argumentam que:

Essa relação entre os atos éticos ou as ações humanas praticadas na vida social e a linguagem encontra respaldo na afirmação bakhtiniana (2010) de que o ser humano, em sua existência concreta, é compelido a agir e é através de seus atos que este se reconhece e é reconhecido. Por sua vez, diz ele que o acesso e o reconhecimento dos atos éticos praticados no mundo da vida social exigem a palavra em sua inteireza, em seus aspectos conceitual, imagético e entonacional. E, assim como aquilo a ser conhecido não se constitui simplesmente como dados indiferentes, neutros, e sim carregados de expressão e de valor, o ato de dizer também implica assumir um posicionamento, uma atitude efetiva e interessada, em síntese uma atitude valorativa, tornando-se o ato de dizer um “momento de um evento vivo” (BAKHTIN 2010, p.86).(OLIVEIRA; SZUNDY, 2014, p. 9).

As formas de se expressar estão inteiramente conectadas à linguagem, pois, os sujeitos se comunicam, e se revelam através da linguagem, que se

modifica como um organismo vivo. Essa relação entre língua e sujeito se constitui de variadas formas como, por exemplo, o letramento em que as práticas sociais se formam e concretizam as práticas diárias de comunicação ou, até mesmo, na realização de tarefas cotidianas que mobilizam diferentes conhecimentos que podem fazer parte do ensino na escola ou não, pois, tais práticas não estão inteiramente ligadas ao processo educacional, envolvem aspectos da experiência e da cultura de cada sujeito.

Para ampliarmos essa reflexão, retomamos, em Kleiman (1995), o significado de letramento. Para a autora:

O conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos numa tentativa de separar os estudos sobre o “impacto social da escrita” (Kleiman, 1991) dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita (KLEIMAN, 1995, p. 15-16).

O letramento, ganha destaque quando sua ênfase é dada em relação ao conteúdo da leitura e escrita, na busca em formar leitores aptos, e não apenas meros decifradores de signos, que ficam somente na superfície do texto, sem um aprofundamento necessário para se inferir, e interagir com o mesmo. Está inteiramente ligado ao social, e envolve práticas diárias que estão dentro e fora da escola. “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos (cf. Scribner e Cole, 1981).” (KLEIMAN, 1995, p. 19).

Segundo a abordagem de Kleiman (1995). A escola preocupa-se mais em formar pessoas alfabetizadas, que saibam decodificar letras, e regras gramaticais, do que em formar pessoas letradas, com competência linguística, que saibam inferir, e interpretar um texto, que estejam aptas a viver em sociedade. Precisamos considerar, na concepção de Kleiman, que as práticas de letramento vão muito além de saber ler e escrever, estão ligadas ao dia a dia de todo cidadão, é através dela que as pessoas se comunicam e são capazes de viver suas práticas diárias. Para essa autora, “Na maioria das vezes, letramento e escolarização se dão simultaneamente, uma vez que a escola é, em quase todas as sociedades, a principal agência de letramento” (KLEIMAN, 1995, p. 25).

“Essas reflexões evidenciam que o letramento é um fenômeno muito amplo e que não está restrito apenas ao circuito escolar, ao espaço da escola.” (ZAPPONE, 2008, p. 01). O modelo de letramento existente na escola enfatiza o texto escrito. Zappone (2008) afirma que a escrita por ser um produto completo em si mesmo, cujos significados e interpretação independem de seu contexto de produção, sendo considerados suficientes para sua interpretação devida ao seu funcionamento lógico.

Além do ambiente escolar, observam-se outras práticas de letramento, social e culturalmente determinadas, em que os significados que a escrita assume para um grupo social depende dos contextos e instituições em que ela foi adquirida. Ao descrever e caracterizar essas práticas, Street (1984) discute o modelo ideológico de letramento mais centrado em uma prática de cunho social, e não meramente uma habilidade técnica e neutra. Isso se dá porque as maneiras utilizadas pelas pessoas quando consideram a leitura e a escrita fundamentam-se em uma visão particular do mundo, algo já existente no indivíduo, que carrega sua bagagem, seu conhecimento de mundo para acionar alguns mecanismos sociais, essa prática esta intrínseca no ser, evidencia que cada um traz consigo suas “ideologias”, através delas irá se posicionar em relação à aprendizagem. Nessa visão, Kleiman (1995, p 25) argumenta que “Na maioria das vezes, letramento e escolarização se dão simultaneamente, uma vez que a escola é, em quase todas as sociedades, a principal agência de letramento”.

No Brasil, os jovens, tem encontrado dificuldades para interpretar um texto, o nível de leitura é muito baixo para estudantes do ensino médio, o que se torna preocupante, pois, se questiona sobre o que esses jovens estão aprendendo na escola? Como se dão as práticas de leitura? De acordo com Rojo (2009):

A maior parte dos jovens avaliados (65% entre os níveis 1 e 2) mal conseguem “localizar informações que podem ser inferidas em um texto; reconhecer a ideia principal em um texto, compreendendo as relações ou construindo um sentido; construir uma comparação ou várias conexões entre o texto e outros conhecimentos extraídos de experiência pessoal”. (ROJO, 2009, p.32)

Segundo a autora, percebe-se que a escola tem priorizado as regras e os padrões da norma culta, frente à interpretação de texto, ao posicionamento

crítico, a capacidade do aluno em desenvolver o pensamento reflexivo e a construção de argumentos.

Levando-se em conta que a leitura implica muito mais do que saber decodificar palavras, faz-se necessário um aprofundamento, uma interpretação do que está escrito nas linhas, o leitor, necessita entender, interpretar, tirar suas conclusões, acionar seu conhecimento de mundo para entender o que se lê. Rojo (2009, p. 44) cita o quão importante é a interação do indivíduo com o texto:

É preciso também interpretar, criticar, dialogar com o texto: contrapor a ele seu próprio ponto de vista, detectando o ponto de vista e a ideologia do autor, situando o texto em seu contexto. Reciprocamente para escrever não basta codificar e observar as normas da escrita do português padrão no Brasil; é também preciso textualizar: estabelecer relações e progressões de temas e ideias, providenciar coesão e coerência, articular o texto a partir de um ponto de vista levando em conta a situação e o leitor. (ROJO, 2009, p. 44)

Ainda sobre os eventos de letramento, Rojo (2009) comenta que eles estão diariamente na vida das pessoas, de diversas maneiras o indivíduo aciona variadas formas de letramento, desde um bilhete que se deixa para alguém, uma transação bancária através do computador, assistir ao jornal, enviar um recado através das mídias sociais, assistir a uma aula através do computador, todos esses eventos se compõe em variadas formas de letramento que estão presentes na vida das pessoas e que muitas vezes nem elas se dão conta do quanto esse mecanismo é acionado em seu cotidiano.

Segundo a autora as práticas sociais de letramento envolvem também pessoas não escolarizadas, pois “É possível ser não escolarizado e analfabeto, mas participar sobretudo nas grandes cidades, de práticas de letramentos, sendo, assim, letrado de uma certa maneira”. (ROJO, 2009, p. 98).

A importância do indivíduo em participar das práticas sociais é de responsabilidade também da escola, afinal para se inserir na sociedade é importante se apropriar das práticas de letramento, como explica a autora. “Um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática”. (ROJO, 2009, p. 107)

Nessa perspectiva, o uso de gêneros textuais contribui com essa prática e agrega ao conhecimento dos alunos e aspectos significativos de sua vivência. Tal abordagem contribui para práticas significativas de leitura e escrita de textos. Assim afirma a autora sobre a importância das práticas sociais no ensino-aprendizagem. (KLEIMAN, 2008).

A estruturação do ensino em torno da prática social é uma estratégia de didatização que, na nossa experiência, tem se mostrado eficiente e relevante na formação de professores, fornecendo um modelo que pode, depois, ser recontextualizado pelo professor na sua esfera de atividade, do ensino escolar. (KLEIMAN, 2008, p. 22).

A produção textual voltada para variados gêneros de textos faz com que o aluno interaja diretamente com o social, agregando o conhecimento adquirido do sujeito com suas vivências sociais, facilitando a compreensão, dando ao sujeito possibilidades de interação de forma vasta e a possibilidade de se apropriar do conhecimento, de conteúdos e produções que ocorrem através dessa aprendizagem, que é tão ampla ao sujeito. Quando alinhado o gênero ao social, a capacidade da autonomia de sentido se dá de forma rica, e a textualização age e faz sentido por meio da escrita (KLEIMAN, 2008).

Para ampliarmos essa reflexão, retomamos Rojo (2009) que aponta o papel da escola nas práticas sociais.

Nesse sentido a escola pode transformar um cidadão flexível, democrático e protagonista, que seja multicultural em sua cultura e poliglota sem sua língua. Cabe, portanto, também à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torna-las vozes de um diálogo objetos de estudo e de crítica. (ROJO, 2009 p.115).

Nesse sentido, as leituras digitais possibilitam um processo acelerado ao leitor, através delas pode-se acionar variados comandos, como vídeos, imagens, dentre outros, fortalecendo o uso da linguagem de forma acelerada. Novas maneiras de ler e produzir estão surgindo juntamente com o espaço digital, pois, o leitor tem diversas possibilidades que não se adquire na leitura impressa, na tela faz-se uma leitura dinâmica, através dos hyperlinks que

possibilitam percorrer variados caminhos em uma só leitura alcançando inúmeras informações e possibilidades de sentido. Um novo leitor se constitui através das leituras digitais, crítico, e, ao mesmo tempo, produtor, pois, é também um redistribuidor do conteúdo, navega sem fronteiras, faz uma leitura dinâmica e profunda, interage com o texto de tal forma que o papel não possibilitaria, se apropria do conhecimento com muita facilidade. Novos comportamentos, novos gêneros são ferramentas que surgem no meio digital, construindo uma leitura dinâmica e acelerada.

Com a tecnologia e a inserção de textos multimodais, evidencia-se que a leitura não é feita apenas de aspectos linguísticos, a assimilação também é acionada através da comunicação não verbal, do campo visual, auditivo, ou seja, de outras semioses. Por meio desses aspectos, a comunicação se faz de forma efetiva, pois, o leitor precisa acionar variadas habilidades para fazer a leitura de um texto, considerando diferentes mecanismos e semioses.

A linguagem hoje é multimodal, a interação do envio de uma mensagem, por exemplo, é feita com imagens, sons, *emoticons* que simbolizam o estado emocional, ou situação que o indivíduo está vivendo naquele momento, esses símbolos são formas de linguagem que transmitem uma mensagem ao leitor, ainda que não seja verbal, por isso segundo a autora não se deve descartar as formas de expressões que estão implícitas na mensagem multimodal. (KLEIMAN, 2008).

Segundo Koziel (2013), na conjuntura de leitura virtual, existe uma disseminação superior de literatura, através de redes sociais, *blogs*, e a própria referência a obras literárias em outras formas de arte difundidas nos suportes eletrônicos. Pode-se dizer que o acesso às obras literárias está muito mais facilitado atualmente em meio digital (muitas disponíveis para download gratuitamente). Isso se dá em um novo processo de leitura, novos leitores estão se formando, com um empenho cognitivo, social, cultural, muito mais amplo que os já praticados, agregando novas habilidades de leitura e escrita, na cultura do papel à tela, que vem para ampliar o mundo da leitura, conquistando mais leitores e facilitando o acesso de muitos ao conhecimento através da tela. Sendo possível ter novas formas de letramento, onde se aciona novos mecanismos para se desenvolver em diversas áreas, tanto cultural, quanto social.

A definição do termo cibercultura é apresentada por Lévy (1999, p. 17) como “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem, juntamente com o ciberespaço”. Por sua vez, o termo ciberespaço, na definição apresentada também por Lévy, significa “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. O autor lembra que ciberespaço especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Lévy considera que estamos vivendo um segundo dilúvio, o “dilúvio informacional” e esse dilúvio não terá fim. Portanto, nas palavras do autor, “temos que ensinar nossos filhos a nadar, flutuar, talvez navegar”, ou seja, não há retorno, precisamos aprender a nos adaptar a esse contexto cibercultural. (KOZIEL, 2013, p. 2).

Todas as formas de escritas necessitam de um local onde ela se inscreva/escreva, porém, cada tecnologia necessita de um espaço de escrita diferente. Normalmente é a superfície bem delimitada da página, que já passou do papiro para pergaminho e finalmente para papel. Com a escrita digital surge um novo espaço, a tela do computador, onde cada leitor percorre um caminho diferente, que o possibilita ir além do próprio texto, pois, além da interação que se dá entre autor e leitor, ele tem uma gama muito ampla para explorar, através do hipertexto, por exemplo, existe a chance de cada leitor obter novas possibilidades frente ao texto. (SOARES, 2002).

“O que é mais importante, porém, é que a escrita na tela possibilita a criação de um texto fundamentalmente diferente do texto no papel – o chamado hipertexto que é, segundo Lévy (1999, p. 56), “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor”. (SOARES, 2002, p. 8).

Desta forma, entende-se que a tela como local de escrita resulta além de novas formas de acesso à informação, também em novas maneiras de ler e escrever, alternativas de conhecimento, ou seja, um novo letramento. No texto impresso a distância entre o leitor e o autor é grande, já no texto eletrônico ela se reduz, porque o leitor tem liberdade para construir, a estrutura e o sentido do texto, o hipertexto é construído pelo leitor no ato da leitura. (Soares, 2002).

Por outro lado, na cultura da tela, altera-se radicalmente o controle da publicação: enquanto, na cultura impressa, editores, conselhos editoriais decidem o que vai ser impresso, determinam os critérios de qualidade, portanto, instituem autorias e definem o que é oferecido a leitores, o computador possibilita a publicação e distribuição na tela de textos que escapam à avaliação e ao controle de qualidade: qualquer um pode colocar na rede, e para o mundo inteiro, o que quiser; por exemplo, um artigo científico pode ser posto na rede sem o controle dos conselhos editoriais, dos *referees*, e ficar disponível para qualquer um ler e decidir individualmente sobre sua qualidade ou não.(SOARES, 2002, p. 13).

Tratando-se da leitura na tela, Soares (2002) argumenta que ela proporciona ao leitor percorrer caminhos variados, uma leitura dinâmica, onde os hipertextos ampliam a busca do leitor, podendo-se ter uma experiência mais vasta que vai muito além da leitura no papel, pois, essa leitura, segue uma sequência, uma linearidade, onde o leitor se limita a sequência imposta pela leitura, já a leitura na tela, através dos hipertextos, o leitor por meio de um clique percorre outro caminho, ele delimita o caminho que quer trilhar no texto, onde o mesmo comanda e direciona sua leitura como quiser, até onde o texto lhe possibilitar o conhecimento necessário para tal pesquisa. “Em síntese, a tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento”(SOARES, 2002, p. 9). Assim podemos verificar que a leitura no papel e na tela possuem suas diferenças de modo a ter uma leitura mais interativa na tela, assim nos fala Soares (2002) sobre a diferença da leitura do papel à tela.

O texto no papel é escrito e é lido linearmente, seqüencialmente – da esquerda para a direita, de cima para baixo, uma página após a outra; o texto na tela – o hipertexto – é escrito e é lido de forma multilinear, multi-seqüencial, acionando-se *links* ou nós que vão trazendo telas numa multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem predefinida. A dimensão do texto no papel é materialmente definida: identifica-se claramente seu começo e seu fim, as páginas são numeradas, o que lhes atribui uma determinada posição numa ordem consecutiva (SOARES, 2002, p. 8).

Entende-se que não só a tela, como espaço de escrita, gera um novo letramento, os mecanismos de produção, a difusão e reprodução da escrita e da leitura também tem papel importante nisso. Desta forma, enfatiza-se que diferentes tecnologias de escrita, geram diferentes práticas de leitura e escrita, que resultam em diferentes letramentos, podendo-se ampliar a gama de letramentos, da mesma forma em que os leitores a produção de sentido, a escrita, estão se ampliando. Novas práticas de letramento vão surgindo ao longo dessa evolução, que a cada instante está se inovando. (SOARES, 2012).

Apropriando-se dessa nova forma de leitura e escrita na tela chamada “era digital”, surge um novo letramento literário, em que leitores se formam através de leituras interativas e multimodais, com diferentes práticas de leitura literária. Essas práticas abrem espaço para novos leitores e promovem a aquisição do conhecimento para essa nova forma de ler e escrever no espaço virtual.

2.2 O LETRAMENTO LITERÁRIO NA CIBERCULTURA

Assim como define Cosson (2006) o letramento literário, não é apenas o uso social da escrita, mas uma forma de se apropriar da cultura que está diretamente ligada em variados contextos do meio social, cultural, onde o indivíduo, pode se constituir, se formar através da linguagem. Não está relacionado somente ao ato de ler e escrever, vai muito além, pois, através dessa habilidade, o leitor pode se aprofundar em variados níveis e tipos de letramento, onde todos participam, até mesmo um analfabeto participa das práticas de letramento existentes na sociedade hoje. O letramento literário não corresponde somente ao uso social da escrita, ele amplia a vivência de diversas experiências, através delas é possível se expressar e entender o mundo por si mesmo. “O processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio”(COSSON, 2006, p. 12).

Nesse sentido, a palavra é definidora, é através dela que se expressa, se constitui em algo concreto o que se pensa, o que se quer traduzir em palavras o que se vê e o que se sente. Essa ideia constata-se com a análise do autor, (COSSON, 2006, p 16) “Em síntese, nosso corpo linguagem é feito das

palavras com que o exercitamos, quanto mais eu uso a língua, maior é o meu corpo linguagem e, por extensão, maior é o meu mundo”.

Além do mais, Cosson (2006), enfatiza a escrita, como sendo uma das práticas centrais de uma sociedade letrada, ela está em tudo, é sobretudo o modo em que as formas de expressão se concretizam, onde pode ser registrado, organizado todos os tipos de vivências, sem que o tempo a perca, é por meio da escrita que a prática de letramento inúmeras vezes se constitui e pode ser concretizada, ela liberta, é onde o indivíduo pode ter uma extensão da sua palavra, do seu pensamento, registrar seus momentos, e se organizar. “A escrita é, assim, um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano”. (COSSON, 2006, p. 16).

A literatura, concretiza-se através da escrita, sem ela não seria possível a materialização do saber, através dela é que se registra esse conhecimento literário, que é vital ao ser enquanto construtor do conhecimento. Nas palavras do autor, essa teoria se constitui de uma forma muito ampla. (COSSON, 2006)

A literatura não apenas tem a palavra em sua constituição material, como também a escrita é seu veículo predominante. A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. Por essa exploração, o dizer do mundo (re) construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como uma prática fundamental para a constituição de um sujeito da escrita. Em outras palavras é no exercício da literatura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos. (COSSON, 2006, p. 16)

A literatura, amplia o conhecimento de mundo do leitor, dando possibilidades de entrar no desconhecido, é quando pode-se voar na imaginação, conhecer novas culturas, imaginá-las e vivêncialas sem sair do lugar, conhecer o mundo do outro e trazê-lo para si, adquirir experiências, vivências, jamais imaginadas, apenas com o poder da leitura e escrita. “A leitura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos” (COSSON, 2006, p. 17). A literatura vai muito além de uma simples ficção, ela faz com que a leitura entre no seu íntimo e te faz raciocinar,

organizar, observar com destreza o que antes era despercebido, faz com que o indivíduo encontre-se. Interioriza outras realidades através da leitura que move e muda muitas referências ao seu redor. “É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção” (COSSON, 2006, p. 17).

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos. (COSSON, 2006, p. 17)

A função da literatura dentro da escola é importantíssima, onde os alunos permitem-se criar, fluir a imaginação, interiorizar a literatura, para buscar um pouco de si em cada leitura e a compreensão de um todo. “Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização, promovendo o letramento literário” (COSSON, 2006, p. 17). Percebe-se o quão importante é a literatura dentro dos muros da escola, o qual não tem sido dado tanta atenção, pois, infelizmente falta mais dedicação e empenho para que a literatura haja de forma mais eficaz no ensino, promovendo o letramento literário diretamente na aprendizagem. Cosson (2006, p. 34) afirma que “O letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos”.

As obras precisam ser diversificadas porque cada uma traz apenas um olhar, uma perspectiva, um modo de ver e de representar o mundo. Em lugar de relações intertextuais e um discurso que se edifica justamente com a premissa de nada prender em seu interior, a literatura na escola precisaria de obras, gêneros e autores diversificados porque o importante é acumulá-los em um painel tanto mais amplo quanto mais vazio de significado. Substitui-se, assim, a qualidade pela quantidade de textos lidos como critério de letramento. (COSSON, 2006, p. 35)

Enfatizando a ideia central de Cosson (2006), para se obter um letramento literário, é importante trazer leituras atuais que envolvam o aluno, o

leitor não nasce pronto, se constrói ao longo do tempo, e gradativamente, com leituras diversificadas, em um dado momento ele despertará o interesse por leituras do cânone, de uma forma gradual. “Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas”(p. 35). Trabalhar com a diversidade literária pode ser fundamental na caminhada para leitura, pode-se despertar interesse aos alunos e assim tornar-se um leitor maduro. “Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura” (COSSON, 2006, p. 35).

Ainda sobre leitura literária, Zappone (2008) afirma que o letramento literário vai além das práticas dentro da escola, tratando-se da ficcionalidade como característica principal para essa leitura, pois encontram-se também essas práticas associadas as novelas, séries, filmes, dentre outros. “Assim, constituem práticas de letramento literário a audiência de novelas, séries, filmes televisivos, o próprio cinema, em alguns casos a Internet, a contação de histórias populares, de anedotas, etc.”(ZAPPONE, 2008, p. 3)

A autora pontua de forma direta sobre letramento literário nas variadas práticas diárias de ficção encontradas no âmbito do entretenimento de diversas formas.

Como o letramento implica usos sociais da escrita, saindo da esfera estritamente individual, infere-se que o letramento literário está associado a diferentes domínios da vida (o letramento implica usos da escrita literária para *objetivos específicos em contextos específicos*) e, nesse sentido, seria interessante pensar em quais contextos ou espaços sociais podem ser observadas essas práticas de letramento literário que são plurais. (ZAPPONE, 2008, p. 3).

Ao aprofundar sua reflexão, a autora descreve 4 formas de letramento ficcional que podem ser evidenciadas neste estudo, nos usos sociais que serão expostos aqui de acordo com o raciocínio de Zappone (2008), “1) pela presença de formas ficcionais em outras mídias, diferentes do livro impresso, tais como adaptações de textos literários para a televisão, teatro, cinema, usos da escrita ficcional no ciberespaço tal como as *fanfics*, etc”. (p. 3). Aqui evidencia-se como o letramento literário, não está associado somente a leitura de livros, e

pode ser encontrado de diversas formas no cotidiano das pessoas. “ 2) por leituras não canônicas, ou seja, leituras não necessariamente ancoradas na história de leitura de textos produzida por críticos ou pela academia”. (p. 3). Leituras variadas, onde o leitor pode se aprofundar em variados temas, assim tornando-se crítico para avançar no processo de leitura. “ 3) pela leitura de textos não canônicos sobre a qual pouco se sabe ainda hoje (leitura de romances cor-de-rosa, por exemplo, leitura de best-sellers e outros textos ficcionais que estão à margem do letramento literário escolar, etc)”. (p. 3).

4) por apropriações de textos não produzidos inicialmente como textos ficcionais, mas que funcionam como tal diante de certos públicos que deles se apropriam numa atitude de gratuidade, estabelecendo com eles uma relação de ficcionalidade e de gratuidade, tais como matérias jornalísticas, depoimentos, biografias, etc (ZAPPONE, 2008, p. 3)

Pautando-se nesses conceitos advindos da autora, percebe-se que o letramento literário é uma prática social, que acontece de variadas formas e por diversos grupos sociais, podendo-se inferir que cada grupo possui sua identidade social demarcada pelo acesso às literaturas diferenciadas, ao passo que desníveis sociais atuam diretamente ao conhecimento às literaturas, interferindo diretamente nas produções e resultados que a desigualdade social pode causar. Podendo-se assim afirmar que interfere ou afeta o ingresso à cultura valorizada em determinados grupos menos favorecidos socialmente. Alguns grupos sociais não possuem acesso à leituras ficcionais, mas, em contrapartida, detêm acesso às mídias ficcionais, tal como novelas, filmes, entre outros, que também são consideradas como formas de letramento literário. (ZAPPONE, 2008).

Significativo para a compreensão dos diferentes letramentos seria verificar os elementos, situações e contextos que os determinam, tais como nível de escolaridade dos indivíduos, formas de exposição ao escrito, o contato com e o uso de diferentes tecnologias, a própria valorização do escrito, enfim, um conhecimento das orientações de letramento de diferentes grupos sociais que podem se distinguir por relações culturais, econômicas, tecnológicas, étnicas, de gênero, etc.(ZAPPONE,2008, p. 3 - 4).

Como pode-se observar, as práticas de letramento literário, são amplamente significativas ao indivíduo, vão além do texto escrito, permite ampliar as variadas áreas ficcionais existentes, onde o indivíduo não encontra somente dentro da escola esses conceitos, vão muito além, estão inteiramente ligados ao meio social em que se vive, e vinculam-se à sociedade como um todo. “Nesse sentido, entende-se que a educação literária abarca não apenas o preparo do estudante para interagir com textos escritos já consagrados pela historiografia, mas também seu preparo para leitura de outras formas ficcionais que permeiam sua cultura e seu tempo” (ZAPPONE, 2008, p. 4).

Sobre o viés de letramento literário, existem diversas práticas que ampliam o conhecimento a esse respeito, como pode-se destacar o *fandom* e *fanfics*, onde o leitor pode se debruçar sobre uma leitura ficcional que se encontra no ambiente virtual, conhecido como ciberespaço. O indivíduo que interage nessa modalidade, pode participar tanto como leitor e como escritor, criando sua escrita de modo a interagir no mundo literário de forma contemporânea, inovadora, trazendo a criatividade e outras formas de escrita de modo autêntico e irreverente, dando um novo olhar para a literatura contemporânea. Assim será apresentado neste estudo um pouco mais sobre essas práticas que vem adquirindo novos leitores e escritores da contemporaneidade.

3.1 OS LEITORES LITERÁRIOS DO CIBERESPAÇO NA MODALIDADE *FANDOM*

Segundo Miranda (2009), pode-se entender *fandom*, como sendo uma nova produção de atividades, ficcionais, de extrema criatividade, formando novos produtos de leitura no campo digital, onde o leitor, pode virar produtor, e o produtor também atua como telespectador de outros usuários, tendo-se assim uma troca de conhecimentos e criatividade, explorando o campo da leitura e escrita entre jovens. “Leitura e crítica, no *fandom*, são atividades essencialmente criativas, geradoras de novos produtos: sejam eles textos fictícios, poéticos ou teóricos; e novas formas de crítica, construídas a partir de releituras plásticas, musicais [...]” (MIRANDA, 2009, p. 2). A seguir uma citação

da autora onde explica sua definição a respeito dessa prática.

Pode-se definir o *fandom* como um sistema digital que engloba diversas manifestações próprias do campo literário, abarcando desde a produção e a recepção de textos até a crítica e a criação de produtos artísticos, numa perspectiva inovadora na qual já não cabem as atitudes passivas da leitura e da crítica tradicional e universitária (MIRANDA, 2009, p. 2).

O *fandom* se constitui de obras literárias reescritas por fãs que fazem uma releitura de suas obras, onde o leitor - expectador, usa sua criatividade para dar um novo tom de forma inovadora a obra já existente, que pode ser feita através de livro, filmes, músicas, vídeos, clipes, jogos, dentre outros. "A reunião dos fãs em torno de uma mesma obra de eleição, e às vezes de culto, é a característica determinante de um *fandom*. Há, portanto, *fandoms* específicos para obras específicas". (MIRANDA, 2009, p. 2 - 3).

Essa prática se dá de tal forma que os fãs se concentram, se reúnem na recriação de obras das quais querem fazer um novo modelo, explorando sua criatividade, de forma contemporânea e inovadora. "O *fandom* mostra como a recepção da literatura, (re)apropriada pelos usuários em contexto hipermidiático, vem permitindo uma atualização do sistema literário, com a renovação das atividades tradicionais de leitura e escrita e com a formação de novos cânons"(MIRANDA, 2009, p. 3).

Nessa perspectiva, reinventa-se uma nova literatura, um novo conceito de escrita e leitura, em que sujeitos das mais variadas culturas e ideias podem ser protagonistas de seus textos, recriando histórias já existentes na cibercultura, explorando sua escrita, e possibilitando que variadas pessoas leiam seus textos. Nessa atividade a interatividade é peça fundamental aos expectadores que leem, assistem a todos os tipos de criações que o *fandom* possibilita ao leitor e escritor. "Espera-se dos textos eleitos que respondam ou continuem respondendo às interrogações da atualidade, e que possam oferecer desafios ao exercício da interatividade, que parece ser a marca distintiva da leitura e da crítica no *fandom*". (MIRANDA, 2009, p. 3).

Ainda sobre *fandom*, Miranda (2009) argumenta que é uma criação que se dá através de fãs em determinados livros, vídeos, clipes, dentre outros. "Daí o próprio nome do sistema — *fandom*: "domínio dos fãs". (p. 3) Sendo em sua grande maioria um público mais jovem que se constitui através das obras que

ocupam lugar de grande interesse em determinados grupos. Assim exemplifica a autora de forma muito interessante sobre como se constitui esses grupos.

Fandoms são, portanto, sistemas multimodais de leitura que se estabelecem em torno de uma obra literária eleita, por diversas razões, como valor de culto e valor de exposição. No *fandom*, a obra é cultuada em si e por sua potencialidade de oferecer material à exposição. Por sua capacidade de enfrentar a reciclagem sem se desfazer. Por sua resistência à desleitura e à desconstrução crítica e criativa (MIRANDA, 2009, p. 3).

A partir desses conceitos entende-se o leitor como peça importante para essa prática, pois, se trata de como receberão essa leitura, isso instiga os produtores para escrever, sabem que terão um leitor crítico, do gosto literário ao menos parecido ao do autor, fazendo com que leitor - autor, criem uma interação ainda que distante por meio de suas produções. Assim, o autor se desvela com destreza de modo a tentar alcançar seu objetivo.

O receptor torna-se o elemento mais importante neste sistema, não obstante o próprio texto (reconhecidamente obra de um autor específico) jamais seja desmerecido. Ao contrário: parece ser valorizado e cultuado como o ponto de partida e de inspiração para novas criações (MIRANDA, 2009, p. 3).

Miranda (2009, p. 4) afirma que “Pode-se dizer que o *fandom* existe pela convergência de imaginários de uma comunidade de leitores de uma mesma obra”. É a participação de determinados grupos, que se identificam e se enquadram a um mesmo grupo que compartilha das mesmas ideias e objetivos tanto na escrita quanto em elementos de comunicação como textos, vídeos, imagens e etc. Ou seja, é uma prática que permite no ambiente digital, que pessoas interajam de forma a envolver seus interesses literários, e uni-los em único objetivo se constitui em uma prática de letramento literário na cibercultura, que vai além da escola, nesse campo de criação o indivíduo se permite escrever e criar, dando abertura à escrita literária.

Através desse novo conceito de criações, o indivíduo amplia suas possibilidades, pois, o autor escreve para alguém ler, não são produções meramente feitas ao professor e após isso serão engavetas, sem um objetivo de criação. Nesse molde o autor se sente competente e responsável por uma criação que será sua, e lida por diversas pessoas. “ A especificidade e a

novidade do *fandom*, porém, surgem do fato de se tratar de uma manifestação virtual, com todas as peculiaridades típicas da leitura na era da Internet”. (MIRANDA, 2009, p. 4). Sobre o conceito dos participantes, a autora explica como isso se dá e como eles se formam nesse novo formato fictício de leitura e escrita literária.

Seus participantes são anônimos ou se apresentam com pseudônimos e nomes fictícios. Não há critérios seletivos para a inclusão de um membro numa comunidade além de seu apreço pela obra cultuada, e sua vontade de comentá-la ou de partilhar as suas criações pessoais em torno dela. A admiração gratuita pelo texto parece ser, portanto, o principal critério para o estabelecimento de um *fandom*, um critério pouco científico e bastante criticado nos meios acadêmicos (MIRANDA, 2009, p. 4 - 5).

Com base nesse aspecto, vê-se uma prática que se diferencia da escrita literária na cibercultura, pois, não é um mercado que acontece prezando o cânone, ou interesses de imprensa em suas produções, é uma entrega gratuita, onde o principal interesse circula em torno do prazer de elaboração. A autora cita uma grande característica que o *fandom* possibilita aos leitores e autores, em que se criou um novo universo de conhecimento mais acessível e prazeroso aos leitores que ocupam o espaço digital.

Se o nascimento da categoria do “autor” e da “literatura” como mercadoria resultaram das conquistas tecnológicas da era industrial, com o surgimento da imprensa e a expansão do público leitor e consumidor de informações e de lazer, a era digital permitiu a reconfiguração desse leitor em coautor, crítico e criador. Para este novo público, o anonimato não parece ser um problema, uma vez que o interesse maior é dar continuidade às obras lidas e compartilhá-las, além de ensaiar produções próprias. O espaço do *fandom* pode ser considerado, muitas vezes, o de um imenso laboratório criativo, acessível e acolhedor. Neste sentido, a literatura afasta-se do universo do “mercado” — criação destinada à comercialização de idéias —, e aproxima-se do universo do “seminário” — germinação de idéias sem destino específico, que podem vir a se tornar textos e obras a serem partilhados gratuitamente (MIRANDA, 2009, p. 5).

Cada dia mais, segundo Miranda (2009), esse ambiente virtual vem ganhando espaço e é possível ganhar leitores e autores de um modo descontraído, é uma prática que muitos métodos de ensino e professores não

adquiriram com seus alunos. Tais avanços são importantes para o aluno como leitor e produtor de seus textos, dentro da escola e fora dela.

Através desse estudo pode-se perceber que os livros e textos no papel não são o único meio de adquirir conhecimento através da leitura, pois, com a internet, a leitura ampliou-se consideravelmente, dando espaço a todo o tipo de leitor, e abrindo caminho para novos escritores, sendo eles de uma escrita mais consistente ou amadora, mas faz-se presente todo o tipo de produto, gerando maior interesse entre os jovens e a busca de se aperfeiçoar cada vez mais nessa prática tão importante para cada sujeito que está se formando como leitor e autor. “A internet possibilitou um novo momento nas relações entre público e técnica e afirmou a convergência de construções canônicas e não--canônicas, pois, ampliou o espaço para negociações identitárias e estéticas”. (MIRANDA, 2009, p. 5).

A partir dessa discussão percebe-se a influência dessa prática para a formação de leitores. Por meio dessas atividades que ocorrem no ciberespaço, pode-se perceber quais leituras estão sendo mais apropriadas e possuem mais valor em relação aos jovens que frequentam esse ambiente “[...], ou seja, quais as obras da tradição que ainda gozam de prestígio junto ao público do ciberespaço e que são capazes de funcionar no sistema de reapropriação do *fandom*”. (MIRANDA, 2009, p. 6).

Nesse aspecto, será tratado sobre um dos diversos *fandoms* existentes, que é o *fanfics*, onde fãs recriam textos ficcionais de seus autores e obras preferidos, será feita uma análise nos próximos parágrafos sobre essas práticas de leitura e escrita que ganha diversos leitores e autores.

3.2 FANFICS: UMA BREVE ANÁLISE

A modalidade *fanfics* possibilita ao leitor recriar uma escrita já existente de sua obra e autor favorito, com a criação de uma nova perspectiva, sobre a leitura em que o leitor – produtor, mostra um ponto de vista diferente sobre a leitura, projetando seu olhar sobre ela. “A *fanficção* é certamente a mais visível manifestação no *fandom*, que permite a verificação mais imediata do fenômeno da recepção na atualidade” (MIRANDA, 2009, p. 7). *Fanfics* é nada mais que permitir ao leitor, inferir, criar suas perspectivas sobre o texto e torná-las

possíveis através de suas criações, é uma interação entre autor-leitor e ficção. “ Uma recepção midiática e multimodal que enxerga na obra, sobretudo, a abertura para novas leituras, para o desmembramento de novos textos” (MIRANDA, 2009, p. 7).

Aguiar (2001) corrobora com essa ideia ao afirmar que *fanfics* consiste em histórias criadas por fãs:

O termo contemporâneo *Fanfiction* refere-se às histórias criadas por fãs. Desenvolvem-se quando um ou uma fã, ao ler ou tomar conhecimento de uma obra escrita, filmada, ou advinda de mídias diversificadas, resolve criar outras histórias a partir do universo original que compreende personagens, tempo e espaço. (AGUIAR, 2011, p. 6).

As produções de *fanfics* acontecem de variadas formas, essa prática se dá através de livros, vídeos, clipes, seriados, filmes, etc. “ É claro que parte importante deste movimento de escrever novas versões para livros, filmes, seriados, etc, é a veiculação destas histórias na comunidade virtual. O autor de *fanfiction* quer ler, e quer, sobretudo, ser lido” (AGUIAR, 2011, p. 6).

Sobre a perspectiva de Miranda (2009), o leitor sente-se mais confortável em fazer as recriações de obras existentes na esfera digital, onde existe uma leitura de diversas pessoas que irão ler e opinar sobre suas criações.

Em outras palavras, torna-se mais fácil compreender o texto recriando-o de alguma forma, e partilhando essa recriação com um grupo, o que constitui um “leitor coletivo” que não se vincula a uma leitura “correta” e acadêmica, mas a uma leitura afetiva e comprometida com a coletividade da comunidade do *fandom*. (MIRANDA, 2009, p. 8).

O intuito principal das recriações é o descomprometimento de trabalhos acadêmicos, trata-se de um momento de descontração entre os participantes, que escrevem por prazer, puro prazer da criação, sem rótulos ou regras. Trata-se de leitores que não seguem a cultura tradicional, fogem do convencional, o importante é o gosto pelo texto lido ou criado, a criatividade que está sendo usada em todo o contexto. (MIRANDA, 2009).

A resistência de um autor/obra a essa passagem é uma verdadeira prova iniciática de sua força como um clássico, até porque é preciso considerar que o *fandom* representa uma cultura jovem, que prefere não seguir os textos já “fixados” pela

cultura tradicional, ou seja, cultura que identificam como a regra que desejam contestar. O texto clássico poderá ser amado, mas enquanto representar liberdade e não convenção (MIRANDA, 2009, p. 8).

Apesar de a maioria das criações serem feitas através de textos literários, essa não é a única prática feita por *fanfics*, as criações também são feitas através de outras mídias. “ Muitos *fanfics* surgem depois de um leitor admirar uma *fanart* ou se “inspirar” por um *fanvídeo*, da mesma forma que um quadro ou uma música pode servir de “inspiração” para um poeta. “ (MIRANDA, 2009, p. 8).

Existem alguns sites que são referências nas *fanfics*, em que leitores e produtores fazem suas criações, críticas. Um dos sites em que é possível utilizar-se dessa prática é o FanFiction.Net, um site em que leitores e produtores fazem suas criações de variados textos, há também um fórum, onde os participantes podem opinar, criticar os textos que são reconstruídos. Os textos são organizados por ordem alfabética, através dos nomes de obras, personagens, autores, os links que direcionam para os *fandoms*. Os links também direcionam para as criações de fãs.

Os textos são escritos nos mais variados gêneros literários, e o mais interessante é que alguns sites já organizam seus arquivos colocando a *fanfic* como um gênero particular, junto a gêneros tradicionais como conto, poema, crônica. Isso revela ao leitor inserido nesta cultura que, ao clicar em “*fanfic*”, entrará em contato com textos escritos por fãs a partir de uma obra original e reconhecida. (MIRANDA, 2009, p. 9).

Nesse universo ficcional, os leitores encontram variadas formas de se ver uma única história, em que produtores criam além do texto já existente, sendo possível proporcionar ao leitor uma nova perspectiva aos olhos de quem o produziu, podendo dar continuidade ou explorar aspectos até então não explorado de algum personagem em específico pelo texto inicial. “ Assim, a *fanficção* poderia ser considerada um gênero de leitura, não exatamente de escritura, uma vez que está vinculada a uma escritura prévia, e que se apresenta necessariamente como um desdobramento daquela para os conhecedores do texto de base” (MIRANDA, 2009, p. 9).

A *fanfic* ganhou espaço na era digital, por ser uma leitura atraente e dinâmica aos leitores, cativando seu público devido à forma interativa em que se apresenta, com seus leitores e produtores em sua maioria, jovens, o que

possibilita aos participantes mais interesses por ser uma leitura descontraída, em que a imaginação e criatividade são as principais características dessa prática que atrai cada vez mais leitores para o universo do letramento digital. “A *fanficção*, ao contrário do que se poderia esperar de mais um “modismo” entre os jovens, vem conquistando uma segunda geração na Internet”. (MIRANDA, 2009, p. 9).

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos compreender as mudanças que estão ocorrendo nas formas de leitura na cibercultura. Verificamos que esse processo vem se modificando no decorrer do tempo e, com a era digital, a linguagem ganhou outros contornos e mobiliza diferentes semioses na produção de sentido. Verificamos também que a cibercultura promove práticas de leitura e escrita mais descontraída, sem uma preocupação exagerada com a norma culta, tão evidenciada nas escolas.

Analisamos também que as variadas mudanças que acontecem nas formas de leitura deve-se também à mudança do papel do leitor que, na tela, percorre variados caminhos através dos *hyperlinks*, em que cada um irá fazer uma leitura diferente, ampliando seu conhecimento através de um clique. O leitor na era digital, pode inferir, repassar informações e até mesmo opinar sobre determinado texto, fazendo do letramento literário uma nova prática de leitura, tão importante quanto as vistas dentro da escola, que para os alunos podem ser uma obrigação, ou algo chato, dentro da era digital, torna-se uma diversão, algo prazeroso, onde a criação ganha espaço nesses eventos de letramento.

O *fandom*, nesse sentido, possibilita aos leitores e produtores fazer suas criações de forma dinâmica e descontraída, a partir de sites que dão espaço a novas criações, em que os participantes interagem de forma criativa e ficcional através de várias produções já existentes. Por meio das *fanfics*, compreende-se como a dinâmica dessas práticas podem ser eficientes nas atividades de leitura e escrita.

Por tudo isso, podemos inferir que a leitura ganhou novos contornos e possibilidades de produzir sentido e, dessa forma, mobiliza o público jovem, que cria suas próprias escritas através de textos já existentes, que são

divulgados para milhares de pessoas, criticado e elogiado em variados aspectos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Jacqueline, **Fanfictions e RPG's: Narrativas Contemporâneas.**

ÀGORA, Porto Alegre, Ano 2, jul/dez.2011.

COSSO, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** São Paulo: Mercado das letras, 1995.

KLEIMAN, Angela, **Os Estudos de Letramento e a Formação do Professor de Língua Materna.** Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 8, n. 3, p. 487-517, set./dez. 2008.

KOZIEL, Elenice. **Uso do aplicativo Moglue Builder como possibilidade de interação com o texto literário em meio digital.** In: 2º Encontro de Diálogos Literários, 2013, Campo Mourão. Anais do 2º Encontro de Diálogos Literários, 2013. p. 277-286.

MIRANDA, Fabiana, **Fandom: Um novo sistema literário digital.** Hipertextus (www.hipertextus.net), n.3, Jun.2009.

OLIVEIRA, Maria; SZUNDY, Paula. **Práticas de multiletramentos na escola: por uma educação responsiva à contemporaneidade.** *Bakhtiniana*, São Paulo, 9 (2): 184-205, Ago./Dez. 2014.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, a escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola, 2009.

RIBEIRO, Ana, **Multimodalidades e produções de textos: Questões para o letramento na atualidade.** Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 21-34, jan./jun. 2013.

STREEET, B. **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento.**

Paper entregue após a Teleconferência Unesco Brasil sobre Letramento e Diversidade, 2003. Disponível em <http://telecongresso.sesi.org.br>. Acesso em 15 de julho de 2014.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita**: Letramento na cibercultura. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

ZAPPONE, Mirian. **Fanfics – um caso de letramento literário na cibercultura?** Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 29-33, abr./jun. 2008.